

Entrevista com o superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile

Mateus de Carvalho Reis Neves ¹

Pablo Murta Baião Albino ²

Alair Ferreira de Freitas ³

Renato Nobile é engenheiro civil e, como produtor rural, iniciou sua caminhada pelo cooperativismo como associado da Cooperativa Agroindustrial de Cândido Mota (Coopermota), atuando em diversos cargos da organização, incluindo sua presidência. Foi também presidente do Centro de Desenvolvimento da Região do Vale do Paranapanema, formado por cooperativas da região. Entre os anos de 2007 e 2008, foi assessor de Relações da Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (Ocesp). Devido a sua atuação, foi convidado a assumir o cargo de secretário-executivo da OCB, posição ocupada até 2010. Desde 2011, é superintendente do Sistema OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), que congrega o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), pela Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop) e a própria OCB.

O Sistema OCB, incluindo o SESCOOP, vem buscando incentivar e dar suporte à profissionalização da gestão das cooperativas brasileiras. Isso inclui não somente o treinamento dos profissionais já presentes nas cooperativas, mas também a contratação de novos profissionais que, espera-se, estejam capacitados a atuar nas cooperativas. Atualmente, como você observa a formação oferecida pelas instituições de ensino brasileiras aos profissionais de modo geral, e àqueles que irão atuar nas cooperativas, de modo específico?

Nós temos acompanhado e visto com bons olhos o crescimento do número de cursos tecnológicos e de graduação dedicados à formação de profissionais e pesquisadores em gestão de cooperativas, cooperativismo e afins. E isso tem ocorrido em todas as regiões do país. Apenas para citar alguns exemplos, temos a Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB).

Ao lado dos exemplos que se multiplicam país afora, temos a Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (Escoop), instituição de ensino, pesquisa e extensão ligada ao Sistema OCB e que, além do curso de tecnólogo em gestão de cooperativas, oferta formação

¹ Professor do Curso de Bacharelado em Cooperativismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutor em Economia Aplicada pela UFV. mateus.neves@ufv.br

² Professor do Curso de Bacharelado em Cooperativismo da UFV. Doutor em Sistemas Flexíveis de Gestão pela Universidad Pública de Navarra (UPNA) – Espanha. pablo.albino@ufv.br

³ Professor do Curso de Bacharelado em Cooperativismo da UFV. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). alair.freitas@ufv.br

especializada por meio de MBAs alinhados às necessidades dos diversos ramos do cooperativismo no país.

Aliás, vale destacar que, atualmente, um dos grandes desafios que temos é exatamente o de harmonizar, conciliar e alinhar a oferta de cursos de desenvolvimento profissional às necessidades das cooperativas. Por isso, temos incentivado a realização de eventos que coloquem a teoria e a prática num mesmo cenário e um dos grandes exemplos que podemos citar é o Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo, o nosso EBPC, que já ocorreu quatro vezes.

Desde 2010, o Sistema OCB promove o Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo, estimulando pesquisadores de todo o país a discutirem o tema do cooperativismo. Não resumindo a este importante evento, como você percebe a relação atual entre o Sistema OCB e as instituições de ensino superior e de pesquisa do país? É possível citar contribuições surgidas da relação com estas instituições?

Como eu dizia, o EBPC surgiu dentro do XIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, com o propósito de aproximar e ampliar o diálogo entre o movimento cooperativista e a comunidade acadêmica.

Por isso, na ocasião, também foi lançada a Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo (RBPC), iniciativa que, hoje em dia, tem sido capitaneada com muito entusiasmo pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP/USP).

Uma das grandes conquistas dessa rede foi a ampliação da colaboração entre pesquisadores e, isso, tem possibilitado a geração de novos conhecimentos para o nosso movimento.

Voltando ao EBPC, para nós, esse evento permite que sejam difundidos os trabalhos de pesquisadores ligados aos programas de graduação e pós-graduação em cooperativismo, que comentamos um pouco na questão anterior, e, ainda, amplia o acesso de estudantes de administração, direito, economia, contabilidade e diversas outras áreas na rotina operacional das cooperativas.

Vale dizer que o EBPC cresceu e avançou muito desde sua primeira edição. Para se ter uma ideia, ele ocorre a cada dois anos e, na última edição, realizada em novembro do ano passado, tivemos a participação de mais de 200 pessoas, entre pesquisadores, avaliadores e representantes de cooperativas.

Nessas quatro edições, já foram apresentados quase 240 trabalhos, dedicados as mais diferentes temáticas, como governança, identidade e responsabilidade social, entre muitas outras.

E, quanto mais o tempo passa, mais conseguimos consorciar a pesquisa pura ao dia a dia das cooperativas. Isso ficou bem evidente na quarta edição que realizamos aqui em Brasília. E é isso que buscamos: aproximar essas duas vertentes de uma mesma força. Afinal, sempre gostamos de enfatizar que cooperativas fortes são sinônimo de uma economia forte.

Ainda neste contexto, temos percebido um trabalho contínuo de aproximação do Sistema OCB, de modo geral, e do SESCOOP, especificamente, com a academia. Este fato pode ser ilustrado com o lançamento, no último mês de abril, da “Chamada CNPq/Sescoop nº 07/2018 – Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Inovação em Cooperativismo”. Quais razões impulsionaram o SESCOOP a encapar essa empreitada?

O SESCOOP e o CNPq estão promovendo essa chamada pública para estimular pesquisadores de todo o país a estudar com profundidade o tema cooperativismo. Os projetos devem ter duração de até dois anos e estar enquadrados em duas faixas de investimentos: a primeira, de até R\$ 25 mil (direcionada a mestres e recém-doutores) e, a segunda, de até R\$150 mil, voltada a doutores.

Serão investidos cerca de R\$ 2,8 milhões em financiamentos e bolsas para pesquisadores. Mas para acessar essas bolsas, as propostas precisam estar enquadradas em uma das quatro linhas de pesquisa. São elas: impactos econômicos e sociais; competitividade e inovação; governança cooperativa; e cooperativismo e cenário jurídico.

Então, como já mencionei, a chamada é um avanço para apoiar os pesquisadores que possuem uma iniciativa capaz de aliar a teoria das universidades e faculdades ao dia a dia das cooperativas. Fazendo isso, os pesquisadores dão as mãos às cooperativas nesse processo de construção de um cooperativismo forte e de um país mais cheio de oportunidade para todos.

Ainda sobre a Chamada CNPq/Sescoop Nº 07/2018, mas não se restringindo somente aos resultados que podem advir dela, quais você entende serem as expectativas das cooperativas representadas pelo Sistema OCB com relação às entidades de ensino e pesquisa do país?

Para responder a essa pergunta, vou me permitir falar, antes, do nosso Planejamento Estratégico. Durante todo o processo de sua elaboração, que contou com o apoio das nossas organizações estaduais e até de cooperativas, foi possível identificar quais eram suas expectativas.

Então, a partir desse ponto, nós, do Sistema OCB, com base nessas expectativas, elencamos sete desafios que se desdobram nos objetivos estratégicos finalísticos e de gestão que trazem, em si, as iniciativas que avaliamos como pertinentes para o

desenvolvimento do setor como um todo, sobretudo no que diz respeito aos processos de pesquisa e inovação.

Em relação ao Sescop, temos, por exemplo, o Objetivo nº 1: *promover e disseminar a cultura da cooperação e disseminar a doutrina, os valores e os princípios do cooperativismo*; e, quanto à OCB, destaco o Objetivo nº 5: *fomentar, produzir e disseminar conhecimentos para o cooperativismo brasileiro*.

Assim, ao se comprometer com a pesquisa, desenvolvimento e inovação, o Sistema OCB está cumprindo sua missão de defender os interesses das cooperativas do país e de atuar pelo fortalecimento e crescimento sustentável de todos que abraçaram a cooperação, trabalhando por um país melhor.

Passamos por um momento de crise econômica aguda, e ainda estamos vivenciando suas consequências. Nesta conjuntura, como você observou a atuação e a desenvoltura das cooperativas? Há lições que o cooperativismo pode dar aos demais setores da sociedade brasileira?

Bem, se tem algo que o cooperativismo pode deixar como um diferencial é, sem dúvida alguma, o estímulo e a valorização do trabalho coletivo, da ação cooperada e da preocupação com os outros. É isso que nos diferencia dos demais modelos econômicos: saber que por trás de um rótulo ou nota fiscal existe um rosto, um CPF no lugar de um CNPJ.

Nós, enquanto Sistema OCB, acreditamos ser possível observar, analisar e compreender melhor como as cooperativas brasileiras se organizam, se identificam e ressignificam diante das transformações econômicas, sociais e até culturais, graças a esse ponto de vista que envolve, antes de mais nada, o ser humano.

E, considerando o ambiente acadêmico, para nós, cooperativistas, é fundamental essa aproximação com as instituições de pesquisa e de ensino superior, já que elas, muitas vezes, desenvolvem métodos, produtos e ciência que contribuem com a sustentabilidade e competitividade das cooperativas.

Não temos dúvidas de que o fortalecimento da produção de conhecimento resultará na difusão de saberes, intercâmbio entre pesquisadores e educadores e, conseqüentemente, na produção de novas perspectivas para o cooperativismo. Espera-se que os estudos permitam compreender os problemas existentes e apontar alternativas para superá-los, pois temos a convicção de que o cooperativismo é o modelo de negócios com maior justiça, equilíbrio, capacidade de promover a felicidade das pessoas e, por fim, melhores oportunidades para todos.